

ONTOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER

Samuel Antonio Merbach de OLIVEIRA*

I - VIDA E OBRA

Martin Heidegger, filósofo alemão, nasceu em Messkirch em 1.889 e morreu em maio de 1.976, em Freiburg-im-Breisgau. Encaminhou-se para o sacerdócio da Companhia de Jesus, na qual desde criança queria ingressar, mas abandonou-a durante o noviciado. Foi discípulo de Husserl, do qual recebeu profunda influência.

Em 1.928, foi chamado para substituir o professor da cátedra de filosofia na Universidade de Friburgo. Em 1.927, entretanto, já tinha publicado seu maior e mais conhecido trabalho *Ser e Tempo*. Essa obra projetou-o de imediato como o mais famoso representante da filosofia existencialista, qualificação que ele mais tarde repudiou.

Quando os nazistas subiram ao poder na Alemanha, abandonou o ensino e se manteve afastado da cultura oficial. Retornou à cátedra após a guerra.

(*) Professor de Direito da Faculdade de Administração de Empresas "PADRE ANCHIETA" e Mestrando em Direito PUC-Campinas.

As suas principais obras, além de *Ser e Tempo* (1.927), são: *A Essência do Fundamento* (1.929); *Que é Metafísica?* (1.930); *A Essência da Verdade* (1.943); *Carta sobre o Humanismo* (1.947); *A Caminho da Linguagem* (1.959) e *Nietzsche* (1.961).

II - A HERMENÊUTICA ONTOLÓGICA DE HEIDEGGER

Martin Heidegger contribuiu grandiosamente para o desenvolvimento da hermenêutica, ao dizer que toda a compreensão é temporal, intencional e histórica. Ultrapassou concepções anteriores ao entender a compreensão não como um processo mental mas como uma dimensão ontológica, não como um estudo de processos conscientes e inconscientes mas como uma revelação daquilo que caracteriza o homem.

A hermenêutica, para Heidegger, não significa uma mera interpretação em termos de correção e concordância. Estabeleceu que a interpretação deve ir além do texto, interrogando-se sobre o que o autor não podia dizer e que, no entanto, apareceu no texto como sendo a última dinâmica.

O texto afinal, acabado, não é o único objeto de interpretação. Preocupam-no sim, a violência e a luta que atuaram na criação do texto.

Isto traz à hermenêutica, duas conseqüências: 1) fidelidade ao texto; 2) compreender o autor melhor do que ele próprio compreendeu a si mesmo.

A interpretação de uma grande obra não é um exercício arqueológico nem a tentativa comum aos humanismos, de tomar os gregos como modelo de vida. É, antes de tudo, uma repetição e uma recuperação do fato original da desocultação.

Com efeito, a hermenêutica para Heidegger tem três sentidos:

1) A interpretação do ser do "Dasein", ou seja, compreender o que é o homem;

2) a analítica da existência e do ser no mundo, ou seja, das coisas que existem. Conforme Heidegger, o existir é um ser para a morte;

3) a decifração dos logos (razão), ou seja, a discussão das condições de possibilidade de toda investigação.

Heidegger em sua principal obra: *Ser e Tempo* (1927), trata do problema ontológico, empreendendo um estudo fenomenológico da presença cotidiana do homem no mundo.

Nesse contexto, Heidegger entende que o homem relaciona-se com o mundo, à medida que dá significado às coisas.

O homem é o ser-aí (Dasein), ou seja, aquele que existe e tem conhecimento disto, estando suspenso entre o mundo do ser e o mundo dos entes.

Heidegger descreve o ser como aquilo que faz presente o ente, que o ilumina e que, ao mesmo tempo, se faz presente no ente, manifestando-se nele.

Acrescenta que o ser não é conceituável, não sendo portanto dizível, entende que o ser é absolutamente diverso do ente, é o não ente, o outro, o nada do ente.

Explica Heidegger, na obra *Ser e Tempo*, que: "chamamos de ente a muitas coisas e em sentidos diferentes. Ente é tudo aquilo de que falamos, tudo aquilo a que, de um ou outro modo, nós nos referimos, é também o que nós somos e como o somos (...)".

Entende que o homem é um ente que impera sobre os demais, visto que o homem não é um ente qualquer, mas um ente que tem uma relação com o seu ser.

Essa diferença do homem em relação aos outros entes se dá por sua consciência, que o leva a compreender.

Com efeito, a hermenêutica não se refere à ciência ou às regras de interpretação textual nem a uma metodologia para as "Geisteswissenschaften" (ciências do espírito), mas antes à explicação fenomenológica da própria existência humana. Entende que a "compreensão e a "interpretação" são modos fundantes da existência humana. Assim a hermenêutica do Dasein transformou-se também em hermenêutica, uma vez que se desenvolve uma ontologia da compreensão; sua investigação é de caráter hermenêutico, quer nos conteúdos, quer no método.

Portanto, em **Ser e Tempo**, temos a relação da hermenêutica com as dimensões ontológicas da compreensão (e com tudo aquilo que isso implica).

Os críticos costumam distinguir duas fases no pensamento de Heidegger: a de **Ser e Tempo** e a das obras posteriores a **Ser e Tempo**. Mas ele faz questão de esclarecer que não se trata de duas concepções contraditórias porque não teria havido a segunda sem a primeira, nem a primeira senão em vista da segunda. A sua relação é semelhante à que há entre uma planta e o seu fruto.

Heidegger, em sua obra: **A Carta Sobre o Humanismo** (1947), trata da lingüisticidade do ser: "ato de dizer efetuado por aquele que pensa". Defende a importância de discutir os fundamentos teóricos da linguagem; critica as teorias que entendem a linguagem como um simples instrumento de comunicação. Sustenta que a única ocupação do pensamento é trazer cada vez mais para uma forma falada, a ocorrência do ser que permanece e que, na sua permanência, espera pelo homem. Com efeito, para Heidegger o ser se revela na linguagem.

A ocorrência do ser na linguagem é descrita em termos da palavra *Geschick*, fado ou destino. A fatalidade do ser que diz, tal como a fatalidade da verdade, é a primeira lei do pensamento.

Heidegger dedicou ao estudo da linguagem uma de suas últimas obras: **Unterwegs zur Sprache** ("A Caminho da Linguagem"). Nela, coerente com a perspectiva geral da sua filosofia, que é essencialmente ontológica (ou voltada para a redescoberta do ser), considera a linguagem em relação com o ser (isto é, na sua função ontológica). Observa que sua filosofia de linguagem é singular sob muitos aspectos e que se distingue nitidamente das outras duas concepções linguísticas, mais influentes, do nosso tempo: a Estruturalista e a Analítica. Enquanto estas duas se inspiram no modelo científico e conseqüentemente, implicam a negação direta da ontologia, a concepção heideggeriana nasce da contestação do modelo científico, da defesa da ontologia e da procura de um novo fundamento para esta última, na própria linguagem.

III - CONCLUSÃO

O pensamento de Heidegger é muito complexo e difícil, tanto pela linguagem hermética na qual se exprime, quanto pelos desdobramentos pelos quais passou e, quanto mais ainda, pela temática tratada. Sua teoria foi de grande importância para a hermenêutica. Em sua obra: **Ser e Tempo**, ultrapassou brilhantemente as concepções anteriores, concebendo a compreensão num contexto totalmente novo, mudando assim o caráter fundamental de qualquer teoria conseqüente da interpretação. Redefiniu a própria palavra "hermenêutica" identificando-a como fenomenologia (também tal como ele a definia) e com a função essencial das palavras, que é tornar compreensível o ser do mundo e do homem.

No seus últimos trabalhos, adotou a exegese de texto como método típico de filosofar, propondo-se como um filósofo hermenêutico no sentido mais tradicional do termo. Mas, para Heidegger, o sentido mais fundo da palavra é o de um processo misterioso de revelação pelo qual o ser ganha existência.

Nos termos desse processo essencialmente hermenêutico, Heidegger descreve a hermenêutica, não apenas como um simples método; segundo sua concepção ontológica, estabelece que a hermenêutica terá a tarefa de por luz ao significado oculto, mostrando o verdadeiro sentido do fato original. Desenvolveu a metafísica em novas bases, mediante a aplicação do método fenomenológico ao estudo do ser e finalmente definiu o homem como um ser que existe compreendendo.

Devido à grandeza do seu pensamento, Martin Heidegger revolucionou a hermenêutica, impondo uma concepção totalmente nova. Por isso, é considerado por muitos, o maior representante da Escola Hermenêutica.

IV - BIBLIOGRAFIA

- BLEICHER, Josef Hermenêutica Contemporânea. Lisboa, Edições 70.
- BRUGGER, Walter. Dicionário de Filosofia. Trad. Antonio Pinto de Carvalho, São Paulo, Editora Herder : 1962.
- GILLES, Thomas Ranson. História do Existencialismo e da Fenomenologia. Vol.1- São Paulo, EDUSP :1975.
- HEIDEGGER, Martin. Conferências e Escritos filosóficos. Coleção "Os Pensadores". Tradução e Notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural :1979.
-
- Ser e Tempo. 4ª Edição, Petrópolis, Editora Vozes : 1993.
- MONDIN, Battista. Curso de filosofia. Os filósofos do Ocidente. Vol. 03 - 3ª Ed. (Trad. Italiano de Benôni Lemos) - São Paulo, Edições Paulinas, 1981-1983.
- PALMER, Richard E. Hermenêutica. Lisboa, Ed. 70.
- REALE, Giovanni & ANTISERI Dario. História da Filosofia. Vol. 03, São Paulo, Edições Paulinas :1991.
- STEIN, Ernildo. Aproximação sobre Hermenêutica. Coleção Filosofia a 40 - Porto Alegre, EDIPUCIRS :1996.